

TRADIÇÃO RENOVADA

Vito Manzolillo (UFRJ)

ELIA, Sílvio *et al* (org.). *Na ponta da língua*, vol. 1. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português / Lucerna, 1998.

MELO, Gladstone Chaves de *et al* (org.). *Na ponta da língua*, vol. 2. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português / Lucerna, 2000.

Autores como Sílvio Elia, Evanildo Bechara, Gladstone Chaves de Melo, Horácio Rolim de Freitas, Antonio Houaiss e Eugenio Coseriu são velhos conhecidos de todo estudante de Letras. Respeitados pela enorme contribuição prestada aos estudos gramaticais, lingüísticos e filológicos, todos eles e alguns outros se encontram agora reunidos em duas publicações recentemente lançadas pelo Linceu Literário Português em conjunto com a editora Lucerna. Como os consultórios gramaticais do passado, as referidas obras abordam tópicos lingüísticos de variados tipos, procurando sempre esclarecer dúvidas e aprofundar questões.

Inicialmente, os artigos que compõem as coletâneas apareceram no semanário *O mundo português*, voltado principalmente para a comunidade lusa do Rio de Janeiro. A reunião dos textos em livro propiciará que um número muito maior de leitores seja atingido.

Os temas tratados são de natureza bastante diversificada: formação de palavras, concordância, empréstimo, reforma ortográfica, classes de palavras, regência, emprego da crase, semântica, ampliação lexical, linguagem jornalística, português do Brasil, etimologia, acentuação, fonética e fonologia, estilística, enfim, de tudo um pouco.

No texto de abertura do primeiro volume (“Imexível: uma injustiça a ser reparada”), originalmente publicado em maio de 1990, Evanildo Bechara comenta “um caso recente de linguagem que tem dado margem a críticas e comentários de ‘entendidos’ em coisas do idioma: é a palavra *imexível*, empregada por um integrante do novo Governo brasileiro” (p.1).

Já Sílvio Elia, em artigo intitulado “Na onda do galicismo” (v. 1, p. 14-7), discorre acerca de influências estrangeiras sofridas pelo português ao longo de sua história.

No segundo volume (p. 61-76), o leitor vai encontrar uma série de seis artigos escritos por Evanildo Bechara, nos quais a linguagem dos escritores modernistas é analisada.

Em um deles, o emprego do verbo *ter* com sentido existencial é comentado.

Vitorioso o uso de *ter* na língua falada espontânea, tentaram os modernistas transplantá-lo para a língua culta, debaixo da responsabilidade da língua do narrador. Antes dos modernistas, tal emprego do verbo *ter* como traço idiomático de personagem não constituía a novidade entre nós, ao lado de outros fatos lingüísticos que os escritores deixavam consignados em suas páginas (“A língua dos modernistas: revolução ou tradição – 6 (conclusão)”, p.75).

Ainda no volume 2, Eugenio Coseriu escreve sobre as especificidades da língua literária (“A língua literária”, p.79-82). O texto assim começa:

Na lingüística atual considera-se com freqüência só a língua falada “primária” (espontânea ou “usual”) como “natural” e livre, ao tempo que a língua exemplar (ou “língua padrão”) e a forma literária desta se consideram como “artificiais” e “impostas”. Por conseguinte, considera-se também só a gramática descritiva “objetivista” como realmente científica e a gramática normativa como expressão sem fundamento científico dum atitude antiliberal e dogmática. Trata-se de erros e confusões teóricas que procedem da concepção positivista vulgar da linguagem e da lingüística. Na realidade e, portanto, na boa teoria, a língua literária representa no grau mais alto a dimensão deôntica (o “dever ser”) da língua; e a gramática normativa é a manifestação metalingüística explícita desta dimensão.

Os seis artigos dedicados à linguagem jornalística a cargo de Sílvio Elia são outro destaque do segundo volume.

Devido à ampla variedade do material e também à competência indiscutível dos autores envolvidos na empreitada, sem dúvida alguma, a coleção *Na ponta da língua* não terá dificuldade em satisfazer os leitores.